



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## MEMÓRIA E RETÓRICA NOS EPITÁFIOS FÚNEBRES DE PÊRO DE ANDRADE CAMINHA

Eronildes Teixeira Amaral\*  
(UESB)

Marcello Moreira\*\*  
(UESB)

### RESUMO

O trabalho visa perscrutar a ligação entre a técnica retórica da memória e o emprego dos preceitos e *topoi* convenientes ao gênero epitáfio, produzido por Pêro de Andrade Caminha, no âmbito das práticas letradas do século XVI. A poesia fúnebre produzida por Pêro de Andrade Caminha, no século XVI, vincula-se a uma tradição retórico-poética que especifica os gêneros, as espécies e os indivíduos a serem representados, a qual é reforçada pelas preceptivas, fomentando, desse modo, uma relação estreita entre poética, retórica, política e memória no Estado monárquico português. As discussões abordadas foram motivadas durante o desenvolvimento da dissertação no curso de mestrado Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epitáfio. Memória. Retórica.

### INTRODUÇÃO

O trabalho, que ora se dar a ler, objetiva-se ao estudo da associação entre a técnica retórica da memória e o emprego dos preceitos e *topoi* convenientes ao gênero epitáfio, produzido por Pêro de Andrade Caminha.

---

\* Graduada em Letras Modernas e Pós-graduada em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-Vitória da Conquista. E-mail: nony6000@gmail.com.

\*\*Orientador. Professor Dr., Professor Titular do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários (DELL) – UESB e do Mestrado em Memória: linguagem e sociedade. E-mail: moreira.marcello@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Embora as reflexões suscitadas nos estudos da memória sejam múltiplas, em virtude da própria natureza multidisciplinar deste objeto, é imprescindível examinar sua relevância para os antigos e para os poetas do século XVI, que se apropriaram do saber daqueles nas suas composições poeticamente regradas.

No mundo das letras quinhentistas, a apreciação acerca da poesia de Pêro de Andrade Caminha pressupõe um conhecimento do conjunto de preceitos por ele e por seus contemporâneos utilizados, visto que partilhavam, na produção dos gêneros clássicos (epístolas, elegias, epitáfios, odes, epigramas, epitalâmios), do repertório de conceitos, sejam eles herdados da Antiguidade, ou oriundos da arte italiana. Entre os autores que manifestaram consideração à produção de Andrade Caminha, estabelecendo com ele intercâmbios poéticos, ou seja, dirigindo-lhe poesias e solicitando outras composições para servir de prefácio em suas obras, estão Sá de Miranda, Antônio Ferreira e Diogo Bernardes.

No período de que aqui nos ocupamos, os poemas dos autores supracitados são modelados a partir de exemplos retirados de estruturas retóricas de pensamento, pois, como visto, “os bons poetas são aqueles que imitam os melhores poetas antigos, e alguns modernos, salvaguardando as restrições de decoro e verossimilhança” (CARVALHO, 2007, p. 19). É interessante fazer referência aos conceitos reunidos pela estudiosa Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, a qual se dedicou em uma de suas obras, a saber, *Poesia de Agudeza em Portugal*, ao estudo do conceito de agudeza, traçando um percurso que remonta a Aristóteles e tem seu acabamento na Arte de Gracián. Um ponto relevante citado no estudo desta autora é que, embora a poesia tenha como fim primordial o deleite, atentando-se, sem dúvida, ao apelo aos ânimos no ensinar a doutrina, ela reveste-se de especificidades, principalmente nos séculos XV e XVI, no que alude à aplicação das normas da imitação poética, “apresentando resultantes muito diferenciadas na realização do texto poético” (CARVALHO, 2007, p. 19). Conforme enuncia Carvalho, a variação compreende as formas de agudeza, porque os poetas



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

podem empregar uma profusão de conceitos, atualizando formas agudas distintas nos diversos níveis de linguagem (CARVALHO, 2007, p. 41). Tal diferenciação compreende a produção dos epitáfios de Pêro de Andrade Caminha e os de Antônio Ferreira, que não se limitam à homenagem de contemporâneos e apresentam uma forma específica que se afasta das estruturas de outros poetas, como Sá de Miranda, por exemplo. Além disso, Ferreira dedicou seis epitáfios aos mesmos personagens que Caminha canta nos seus, os quais apresentam argumentos distintos para referir os mortos. Apesar de serem muitas as semelhanças entre Caminha e Ferreira, o último compôs dezenove epitáfios, formados por uma única oitava, de rima abababcc, e o primeiro escreveu oitenta e um epitáfios, alguns com estrofes de até 12 versos, e esse grande número de poemas permitiu-lhe, segundo Vanda Anastácio, ampliar as fronteiras do gênero, “introduzindo variações formais, aprofundando o trabalho poético a nível do discurso e adotando um outro ponto de vista em relação aos temas tratados” (ANASTÁCIO, 1998, p. 221).

O conhecimento dos preceitos retóricos no século em que Caminha produziu sua poesia está subordinado às normatizações retórico-poéticas, isto é, às preceptivas que determinam a configuração dos diferentes gêneros, com base na emulação ou no exercício imitativo dos poetas. A preceptiva, nesse sentido, é um recurso fulcral para refazer os princípios argumentativos ou os artifícios presentes no modelo retórico antigo, construindo, através da linguagem, a representação das coisas do mundo. Ademais, não podemos esquecer, como bem argumentou Halysson F. Dias Santos, que “as próprias obras são lugares de norma, na medida em que são constituídas em modelos autorizados. Pela leitura das mesmas é possível depreender os preceitos do gênero” (SANTOS, 2009, p. 41-42).

Assim sendo, o exercício de aprimoramento dos elementos retóricos-persuasivos contidos nos tratados, ou em outros poetas que desses dispositivos se servem, garante a sapiência dos homens letrados, que, na tentativa de superar o modelo, ornaram o seu discurso com regras precisas de composição, buscando “a



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

perfeita congruência entre coisas e sua representação por palavras, princípio previsto na *Poética* de Aristóteles” (CARVALHO, 2007, p. 45).

Esse recorrer a um modelo preliminar para normatizar o discurso, com vistas ao *delectare* (deleitar) e ao *docere* (ensinar) do público requer uma compreensão proficiente da *techne* (técnica), pois a persuasão e a comoção do público resultam do reconhecimento do bem empregar, pelo poeta, dos gêneros e dos caracteres agentes (*drontes*) a estes alusivos. Estas categorias foram propostas por Aristóteles na *Poética* e, no Quinhentos e Seiscentos, apreendidos pelos poetas quando da apropriação da referida obra.

O bem da *Res publica da sociedade quinhentista* é, então, historicamente assegurado pela *Tekné*, que possibilita a disposição de exemplos a serem emulados, evidenciando o tipo aristotélico “melhores do que somos”, caracterizados a partir de procedimentos miméticos. O discurso persuasivo deve suscitar “a emulação das virtudes, das quais ele deixará ilustres memórias” (ALCAÇAR, p.67). Pêro de Andrade Caminha, na composição dos seus poemas, dispõe alguns desses preceitos, visando, no emprego elocutivo e engenhoso dos conceitos, a promover a si como *auctoritas*.

Assim, a aplicação escorreita de tropos e figuras, como a metáfora, por exemplo, disponíveis nos diversos manuais de modelos retóricos, poéticos, éticos, políticos partilhados pelos poetas e seus públicos é complementária da arte engenhosa que salvaguarda a memória dos tipos de que fala Aristóteles (1. os que são melhores do que somos; 2. os que são como somos; e 3. os que são piores do que somos), e que são atualizados nos epitáfios de Caminha – no caso da categoria melhores do que somos-, visto o conteúdo encomiástico dessa poesia. Nas palavras de Santos:

A recuperação e aplicação dos modelos via emulação ainda se dá em grande medida pela técnica retórica da memória. A *emulatio* não se resume unicamente ao âmbito da invenção, mas também da disposição e da elocução. Os modelos são,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

portanto, imitados quanto aos *topoi*, aos metros, às dimensões, divisões e ao estilo da linguagem (SANTOS, 2009, p. 41).

Como argumentou Santos, a emulação não se efetiva apenas no âmbito da invenção, mas envolve as outras duas partes da retórica clássica: a *dispositio* (Disposição) e a *elocutio*. Segundo a *Rethorica ad Herennium*, I, 3, o orador deve ter invenção, disposição, elocução, memória e pronúncia. A *Inuentio* representa a “(...) a descoberta de coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa provável” (A HERÊNIO, 2005, p. 55). Em outras palavras, essa primeira fase da elaboração consiste na descoberta dos pensamentos (*res*) apropriados à matéria, levando em consideração o interesse do partido representado. Contrariamente ao que comumente se pensa, a *inventio* não é tão somente um processo de criação, pois sua consolidação se dá por meio da recordação, uma vez que os pensamentos necessários ao discurso já se encontram presentes na memória escondidos nos *loci* (lugares). Já a *Dispositio* visa ao ordenamento e à distribuição do que foi encontrado pela invenção. Essa segunda fase da elaboração se forma “pela escolha e ordenação favoráveis ao partido, as quais, no discurso concreto se fazem dos pensamentos (*res*), das formulações linguísticas (*verba*) e das formas artísticas (*figurae*)” (LAUSBERG, 2004, p. 95). A elocução diz respeito ao perfeito enquadramento de palavras e sentenças apropriadas à invenção. A memória é a apreensão das palavras, do ânimo, e a pronúncia, por sua vez, é a moderação de voz, semblante e gesto.

No que concerne à apresentação dessas partes (invenção, disposição, elocução, memória e pronúncia), faz-se necessário acrescentar a estreita ligação entre as mesmas, uma vez que a descoberta dos pensamentos (*res*) presentes na memória, isto é, reservados nos *loci* (lugares), não se distancia da função da memória enquanto apreensão de palavras por parte dos bons poetas que, visando ao aprimoramento de suas faculdades, emulam, balizados pelo juízo e engenho, autoridades. A própria conveniência no dizer, segundo Quintiliano, não



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

se restringe à elocução, mas participa também da invenção. Destaca, outrossim, a força das palavras, todavia, comparando os vocábulos às “coisas”, “pois, se até mesmo as palavras têm tanta força, quanto maior força não terão as mesmas coisas? Sobre as quais o que deve ser visto, já deixamos escrito em seus respectivos lugares” (QUINTILIANO, 1887, p. 216, tradução livre)<sup>671</sup>. Nessa perspectiva, todas as partes citadas se combinam no domínio maior da linguagem, a fim de produzir a verossimilhança, a qual “implica certa congruência primordial entre a coisa pensada (*res*) e a forma com que este pensamento “aparece” no texto (*verba*)” (CARVALHO, 2007, p. 47). Ora, a relação entre a palavra e o pensamento que ela representa é semelhante à conexão que se estabelece entre os lugares e as imagens, sugerindo funções comuns, senão partilhadas entre palavra e lugares e pensamento e imagens.

Pero de Andrade Caminha, inserido nas letras cultas quinhentistas, cujas composições estão ancoradas no princípio da imitação, reproduz as regras e procedimentos inclusos na tradição retórica e recobra os fundamentos primordiais prescritos para a composição dos diferentes gêneros discursivos. Na composição do gênero epitáfio, por exemplo, Caminha, no tratamento elogioso da matéria fúnebre, constrói um sentido verossímil com os pensamentos (*res*) presentes na memória, os quais, como visto, estão conservados nos *loci* (lugares). Desse modo, visualiza-se em um epitáfio destinado a Dom Duarte, filho do infante Dom Duarte, o emprego de palavras (lugares) que se reportam logicamente a um conceito (imagem) determinante e previamente construído, adequando-se ao emprego da *techne* que “pressupõe uma ideia concebida previamente” (CARVALHO, 2007, p. 25). O epitáfio selecionado estrutura-se do seguinte modo:

Aqui jaz o grão Príncipe Duarte  
Honra do mundo, gloria desta idade,  
Que igualmente honrou sempre a Febo e Marte,

---

<sup>671</sup> “Pues si aun las palabras tienen tanta fuerza, ¿cuánto mayor la tendrán las mismas cosas? Acerca de las cuales qué se debía observar, lo dejamos ya escrito en sus respectivos lugares” (QUINTILIANO, 1887, p. 216).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Quanto ornou mais sua Real antiguidade.  
Quanto noutros o Céu de bom reparte  
Tudo nele ajuntou com suavidade.  
E nele para Príncipes se via  
Um claro espelho, ûa segura guia

No poema sob análise, Dom Duarte, 5º Duque de Guimarães, neto do rei D. Manuel I, cuja morte data de 1576, é referido como exemplo ao mundo de honra. Esse adjetivo lhe é conferido e acentuado em virtude de ele ter emulado a duas divindades, Febo e Marte, dedicando-se às atividades patrocinadas pelos dois deuses antigos. Aqui temos a conjunção do binômio letras e armas, máximo louvor a um cavaleiro português do século XVI. A primeira figura mitológica, dotada de excelsa beleza, equivalente ao grego Apolo, personifica a luz, o sol, sendo considerado o deus da música e da eloquência. Já o segundo é considerado o deus romano da guerra, equivalente ao grego Ares. Febo e Marte são, na verdade, figuras metonímicas, pelas quais se emprega um termo no lugar de outro, havendo entre ambos relação de contiguidade. No caso em questão, o abstrato é tomado pelo concreto, pois, de Febo e Marte, se pretende evidenciar a luz e guerra, imagens aos personagens associadas, funcionando como lugares-comuns que significam a natureza iluminada/letrada e o espírito guerreiro de D. Duarte, que, possivelmente, detinha a habilidade das armas, ou a instrução na arte da guerra, além de apreciar artes como a música e a poesia. D. Duarte, noutras palavras, não louva tão somente os heróis mitológicos, ao ser deles presente espelho, mas louva, sobretudo, suas virtudes, que Caminha refere metonimicamente para evidenciar o exceler dos atributos do próprio príncipe, que sobressai em relação aos demais, sendo ele próprio espelho para o seu tempo. Esses recursos utilizados por Caminha respaldam o merecimento de D. Duarte como tipo enquadrado na categoria aristotélica “melhores do que somos”, perenizando-o como príncipe iluminado e de ânimo belicoso, que se tornou um “*claroespelho*” para os demais príncipes. Para combinar e articular discursivamente esses *topoi* às finalidades do gênero, Caminha necessitava ter o domínio de métodos mnemotécnicos, a partir dos quais



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

acessava os recursos já disponíveis em outros poetas ou nos tratados de retórica. Enquanto *artífice* desses preceitos, o poeta é, então, um homem de memória treinada, que utiliza os *topoi*, entre outros recursos, para persuadir demonstrando proporcionadamente, através de palavras, as ações e afetos específicos, e ao fazê-lo adequadamente, preserva a memória dos ilustres a quem louva e a sua própria memória enquanto conhecedor dos preceitos da arte poética. Ademais, as tópicos utilizadas na maioria dos epitáfios de Caminha ecoam uma memória dos efeitos da morte, na constatação da efemeridade e caducidade das coisas consumidas pelo tempo, como exemplo de propagar uma vida bem vivida, conforme os valores cristãos vigentes no século XVI, como explicitam os dois primeiros versos do poema direcionado a Francisco de Sá Miranda, que diz assim: “A Alma no Céu repousa eternamente / Chea do que cá tinha merecido”, ou seja, o repouso eterno da alma de Sá de Miranda é garantido porque o cultivo de virtudes em vida o faz merecedor desse benefício. Os últimos versos desse epitáfio: “A Morte desfaz tudo, mas Miranda / Vivo é no Céu e vivo na terra anda” refletem o tema da *vanitas*,

que pode ser sintetizada como conjunto de *topoi* relativos à constatação dolorosa, por ação irreversível do tempo, dos vícios que cercam as ilusões efêmeras; noutras palavras, constatação e expressão da consciência da morte como fim da falível matéria humana (CARVALHO, 2007, p. 38).

A *memória* mobilizada no quadro das letras quinhentistas e seiscentistas é um conceito precípuo para compreender os efeitos múltiplos realçados na estrutura linguística dos poemas, na temática proposta e nas condições que capacitam o poeta a produzir, com base no engenho, artificialmente e persuasivamente, a sua poesia. O poeta é, como bem argumentou Carvalho, “antes de tudo um aristotélico, que inventa o poema, especificando o gênero, as espécies, os indivíduos, os acidentes e as diferenças do tema” (CARVALHO, 2007, p. 74). Essa



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

capacidade de articular e imitar convenientemente os procedimentos preconizados nos modelos autorizados é o objetivo crucial dos hábeis poetas.

Os lugares-comuns apresentados por Alcaçar, além de compor diversas orações fúnebres dos séculos XVI e XVI, também se fazem presentes nos epitáfios produzidos por Pêro de Andrade Caminha, o que evidencia que os tratados de retórica epidíftica eram utilizados na construção de textos poéticos, o que, por sua vez, nos leva a corroborar que o poema alvo deste estudo, assim como os que lhe são coetâneos, integram uma tradição em que a produção “literária” está atrelada a um conjunto de prescrições derivadas de matrizes retóricas latinas e gregas.

A *auctoritas* fornecida pelos gregos da época de Augusto (séculos I a. C/ I d. C), por Orígenes, Santo Agostinho na doutrina patrística, como por escolásticos, como São Tomás de Aquino, que cristianiza a *auctoritas* latina, também tem um caráter regulamentado pela técnica artificial que permite aos poetas aprimorar sua memória natural e tecer seus discursos regrados de forma engenhosa e precisa. Na opinião de Fentress e Wickham, as técnicas por meio das quais a literatura se utiliza para aprimorar a memória “derivam dos sistemas da mnemônica, muito mais complexos e elaborados, criados no mundo antigo e desenvolvidos e reelaborados desde a Idade Média até o século XVII” (FENTRESS, WICKHAM, 1992, p. 24).

Além disso, a prática da arte da memória implica uma forma de aprendizagem baseada em preceitos organizacionais que se dão a conhecer previamente ou que se auto regulam na efetivação da técnica e, ao mesmo tempo, permitem que outros conheçam e exercitem-na de forma peculiar, tal como fez Tomás de Aquino que inseriu os princípios da fé católica na exposição das virtudes elencadas por Cícero.

Dado o exposto, nota-se que a memória artificial não é tão estática e mecânica como em geral se admite. A recorrência a essa memória durante vários séculos corrobora a sua eficácia e valor para todos que dela se serviram. Como



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

abordado neste estudo, a memória treinada não pode ser dissociada da *tekné* retórica consolidada pela indução e pelo método preceptivo tecidos pelo autor no *Ad Herenium* e por Quintiliano no *Institutio Oratoria*, e, por possuir essa característica, teve respaldo até o século XVIII, momento em que desaparece. Assim, com a invenção da imprensa no século XV, tais sistemas artificiais esmaecem e a memória natural não passa mais a ser estimulada como era nas sociedades de cultura oral. Além disso, os livros e os avanços tecnológicos, como o computador, por exemplo, conduzem à recusa e ao trabalho de memorizar, o qual fora tão incentivado e praticado na antiguidade e perde muito da sua relevância a partir do século XVIII.

## REFERÊNCIAS

- ALÇAÇAR, Bartholomeu. “Das espécies, Invençam e Disposiçam das Oraçens, que pertencem ao Gênero Exornativo”. Do Padre Bartholomeu Alçaçar da Companhia de Jesus no seu Trat. De Rethorica. In: **Delicioso Jardim da Rethorica, Tripartido em Elegantes Estâncias, e adornado de Toda a casta de Flores da Eloquência, ao qual se juntam os opúsculos de Modo de Compor, e Amplificar as Sentenças, e da Airosa Colocaçam, e Estrutura das Partes da Oraçam.** Segunda edição, mas correcta, e augmentada ultimamente com o Opúsculo Das espécies, Invençam e Disposiçam das Oracens, que Pertencem ao Gênero Exornativo. Lisboa: Na Officina de Manuel Coelho Amado, na Rua das esteiras e à sua custa impresso. M.CC.L. p. 42-74.
- ANASTÁCIO, Vanda M<sup>a</sup> Coutinho Garrido. **Visões de Glória.** (Uma Introdução à Poesia de Pero Andrade Caminha). Porto: Calouste Gulbenkian, 1998.
- CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. **Poesia de agudeza em Portugal.** São Paulo: EDUSP, 2007.
- FENTRESS, J.; WICKHAM, C. **Memória social.** Lisboa: Editorial Teorema, 2002.
- LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de Retórica Literária.** 5. ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- QUINTILIANO, Marco Fabio. **Instituciones oratorias; traducción directa del latín por Ignacio Rodríguez y Pedro Sandier.** Madrid: Libreria de La Viuda de Hernando Y. C.<sup>a</sup>, 1887. Tomo I.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

SANTOS, H. F. D. **Exegi Monumentum Aere Perennius**: Poesia Épica e Memória no Caramuru de Santa Rita Durão. 2009. 201f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2009.